

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E FORMAÇÃO
DOCENTE NA ESCOLA**

**ARTIFICIAL INTELLIGENCE, PEDAGOGICAL PRACTICES AND TEACHER
EDUCATION IN SCHOOL CONTEXTS**

**INTELIGENCIA ARTIFICIAL, PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS Y FORMACIÓN
DOCENTE EN LA ESCUELA**



10.56238/sevened2026.004-015

Marcus Vinícius da Silva

Licenciado em Física

Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

E-mail: profmarcusvinicius10@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7389066358469190>

Allana Shamara Meireles Cruz Matos

Licenciada em Pedagogia

Instituição: Faculdade Latino-Americana de Educação (FLATED)

E-mail: shamarameios843@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6893869378351145>

Adriana Peres de Barros

Especialista em Educação Infantil e Alfabetização

Instituição: Associação Varzeagrandense de Ensino e Cultura (AVEC), Faculdade Integrada de
Várzea Grande (FIVE)

E-mail: adrianaperes_@hotmail.com

Jane Gomes de Castro

Especialista em Ecoturismo: Interpretação e Educação Ambiental

Instituição: Universidade Federal de Lavras

Endereço: Minas Gerais, Brasil

E-mail: jane_leve@gmail.com

Rubens Luiz Rodrigues

Mestre em Ensino de Física

Instituição: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: profrubens.rodrigues@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5205220459016645v>

Isaac Peron Cunha Carvalho

Especialista em Ensino de História do Brasil e do Mundo Contemporâneo

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Endereço: Piauí, Brasil

E-mail: isaaccunha21@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6538117997685230>

Simone da Silva Castro

Especialista em Psicopedagogia Institucional com Gestão e Supervisão Escolar, Engenharia de Sistemas

Instituição: Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA)

Endereço: Maranhão, Brasil

E-mail: simone02castro@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3470530302163692>

Leandro Soares Machado

Mestrando em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

E-mail: leandrosoaresmachado@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3507015378224162>

Andreia Vanessa de Oliveira

Mestra em Ciências Sociais Aplicadas

Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Endereço: Paraná, Brasil

E-mail: vanessaadvog@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7356005864652681>

Ingrid Carneiro Galvão da Silva

Licenciada em Matemática

Instituição: Faculdade de Ensino Superior Estácio de Sá

Endereço: Pernambuco, Brasil

E-mail: ingridcgalvao@gmail.com

RESUMO

A presença crescente da Inteligência Artificial (IA) nos contextos educacionais tem provocado transformações significativas nas práticas pedagógicas, nos processos de ensino-aprendizagem e na formação docente. Mais do que um recurso técnico, a IA atua como mediação sociotécnica que reorganiza práticas de linguagem, modos de produção do conhecimento e relações pedagógicas na escola contemporânea. Este capítulo tem como objetivo analisar criticamente a inserção da Inteligência Artificial na escola, articulando práticas pedagógicas, linguagem e formação docente, à luz de aportes teóricos da educação crítica, dos estudos sobre letramentos e das reflexões éticas sobre tecnologias digitais. A abordagem adotada problematiza discursos de inovação e eficiência associados à IA, destacando a centralidade da mediação pedagógica e da intencionalidade educativa no uso dessas tecnologias. Discute-se, ainda, os impactos da IA sobre autoria, avaliação e autonomia intelectual dos estudantes, bem como os desafios éticos relacionados ao uso de dados, aos vieses algorítmicos e à

equidade educacional. Conclui-se que a Inteligência Artificial pode contribuir para práticas educativas mais significativas quando integrada a projetos pedagógicos comprometidos com a formação humana, a reflexão crítica e a justiça social, reafirmando o papel do professor como mediador central do processo educativo.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Práticas Pedagógicas. Formação Docente. Linguagem. Educação Crítica.

ABSTRACT

The increasing presence of Artificial Intelligence (AI) in educational contexts has produced significant transformations in pedagogical practices, teaching–learning processes, and teacher education. Rather than a mere technical tool, AI operates as a sociotechnical mediation that reorganizes language practices, modes of knowledge production, and pedagogical relationships in contemporary schooling. This chapter aims to critically analyze the integration of Artificial Intelligence in school settings by articulating pedagogical practices, language, and teacher education, grounded in critical education theory, studies on literacies, and ethical reflections on digital technologies. The analysis problematizes dominant discourses of innovation and efficiency associated with AI, emphasizing the centrality of pedagogical mediation and educational intentionality in its use. It also discusses the impacts of AI on authorship, assessment, and students’ intellectual autonomy, as well as ethical challenges related to data use, algorithmic bias, and educational equity. The chapter concludes that Artificial Intelligence can contribute to more meaningful educational practices when integrated into pedagogical projects committed to human development, critical reflection, and social justice, reaffirming the teacher’s role as a central mediator in the educational process.

Keywords: Artificial Intelligence. Pedagogical Practices. Teacher Education. Language. Critical Education.

RESUMEN

La creciente presencia de la Inteligencia Artificial (IA) en los contextos educativos ha generado transformaciones significativas en las prácticas pedagógicas, los procesos de enseñanza-aprendizaje y la formación docente. Más que un recurso técnico, la IA actúa como una mediación sociotécnica que reorganiza las prácticas lingüísticas, los modos de producción de conocimiento y las relaciones pedagógicas en la escuela contemporánea. Este capítulo busca analizar críticamente la inserción de la Inteligencia Artificial en las escuelas, articulando las prácticas pedagógicas, el lenguaje y la formación docente, a la luz de las contribuciones teóricas de la educación crítica, los estudios de alfabetización y las reflexiones éticas sobre las tecnologías digitales. El enfoque adoptado problematiza los discursos de innovación y eficiencia asociados a la IA, destacando la centralidad de la mediación pedagógica y la intencionalidad educativa en el uso de estas tecnologías. También se discuten los impactos de la IA en la autoría, la evaluación y la autonomía intelectual del alumnado, así como los desafíos éticos relacionados con el uso de datos, los sesgos algorítmicos y la equidad educativa. Se concluye que la Inteligencia Artificial puede contribuir a prácticas educativas más significativas cuando se integra en proyectos pedagógicos comprometidos con el desarrollo humano, la reflexión crítica y la justicia social, reafirmando el rol del docente como mediador central en el proceso educativo.

Palabras clave: Inteligencia Artificial. Práticas Pedagógicas. Formación Docente. Lenguaje. Educación Crítica.

1 INTRODUÇÃO

A intensificação do uso da Inteligência Artificial (IA) em diferentes esferas da vida social tem provocado transformações profundas nos modos de produzir conhecimento, comunicar-se e aprender. Na educação, tais transformações tornam-se particularmente visíveis no cotidiano da sala de aula, onde sistemas baseados em IA passam a mediar práticas de leitura, escrita, pesquisa, organização de informações, resolução de problemas e avaliação. Esse cenário impõe novos desafios à escola contemporânea, que já não pode ser compreendida apenas como espaço de transmissão de conteúdos, mas como ambiente de mediação crítica entre sujeitos, linguagens e tecnologias.

A incorporação da IA nos contextos educativos tem sido frequentemente acompanhada por discursos de inovação, eficiência e personalização da aprendizagem. No entanto, como alertam Selwyn (2016, 2019) e Holmes e Tuomi (2022), tecnologias digitais inteligentes não são neutras nem meramente técnicas, pois carregam valores, interesses econômicos, racionalidades políticas e modelos de mundo que influenciam diretamente as práticas pedagógicas e os processos formativos. Assim, discutir a presença da IA na sala de aula exige ultrapassar abordagens tecnicistas e instrumentalizadas, avançando para uma análise crítica que considere suas implicações pedagógicas, discursivas, éticas e sociais.

Do ponto de vista da linguagem, a presença da IA reconfigura de modo significativo as práticas escolares. Ferramentas capazes de gerar textos, corrigir produções, sintetizar conteúdos e recomendar respostas passam a atuar como coautoras nos processos de produção discursiva. Paveau (2021) propõe o conceito de tecnodiscursividade para compreender essas novas formas de produção de sentido, nas quais humanos e artefatos técnicos compartilham a autoria do discurso. No contexto escolar, essa coautoria tensiona concepções tradicionais de autoria, criatividade, originalidade e avaliação, exigindo da educação linguística uma abordagem situada, ética e crítica.

Os estudos sobre letramentos digitais e multiletramentos também oferecem aportes relevantes para essa reflexão. Rojo (2012, 2019) e Lankshear e Knobel (2011) destacam que as práticas contemporâneas de leitura e escrita são multimodais, colaborativas e atravessadas por tecnologias digitais. A IA intensifica essas características ao automatizar processos linguísticos e ao intervir diretamente na circulação, seleção e organização dos textos. Nesse sentido, a formação dos estudantes não pode restringir-se ao domínio técnico das ferramentas, mas deve contemplar o desenvolvimento de competências críticas para compreender, questionar e ressignificar os usos da IA na produção de sentidos.

A centralidade do professor nesse processo é inegável. Freire (1996) já afirmava que nenhuma tecnologia substitui a intencionalidade pedagógica, o diálogo e o compromisso ético do educador. Na sala de aula mediada por IA, o professor assume o papel de mediador crítico, responsável por orientar o uso pedagógico das tecnologias, problematizar respostas automatizadas, discutir vieses algorítmicos

e promover práticas de linguagem que favoreçam a autonomia intelectual dos estudantes. Essa mediação exige formação docente contínua, reflexão ética e compreensão dos impactos socioculturais da Inteligência Artificial na educação.

Diante desse contexto, este capítulo tem como objetivo discutir a presença da Inteligência Artificial na sala de aula a partir da articulação entre práticas pedagógicas, linguagem e formação crítica. Para tanto, o texto organiza-se em quatro movimentos analíticos: inicialmente, discute-se a IA como mediação pedagógica e sociotécnica na educação contemporânea; em seguida, analisam-se as implicações da IA para as práticas de linguagem e para as concepções de autoria na escola; posteriormente, aborda-se o papel da formação docente e da mediação crítica no uso pedagógico da IA; por fim, discutem-se tensões éticas, desafios e possibilidades para uma integração educacional eticamente orientada da Inteligência Artificial.

1.1 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A presença crescente da Inteligência Artificial nos contextos educacionais deve ser compreendida como parte de um processo mais amplo de transformação sociotécnica que atravessa a produção do conhecimento, as práticas de linguagem e as formas de ensinar e aprender. Na escola contemporânea, a IA não se apresenta apenas como ferramenta auxiliar, mas como mediação pedagógica que reorganiza tempos escolares, práticas didáticas, processos decisórios e relações entre sujeitos e saberes. Essa mediação altera profundamente o modo como o conhecimento é acessado, produzido e legitimado no espaço educativo, exigindo da educação uma postura crítica diante dos discursos de inovação tecnológica.

Selwyn (2016) argumenta que tecnologias educacionais, especialmente as digitais, costumam ser apresentadas como soluções técnicas para problemas que são, em sua origem, pedagógicos, sociais e políticos. No caso da Inteligência Artificial, essa lógica se intensifica, uma vez que algoritmos passam a interferir diretamente na seleção de conteúdos, nos processos de avaliação e na organização de percursos de aprendizagem. Conforme aponta Selwyn (2019), a adoção acrítica dessas tecnologias pode redefinir silenciosamente o que se entende por aprender, deslocando a centralidade da formação humana para métricas de desempenho e eficiência.

Do ponto de vista pedagógico, a IA oferece possibilidades relevantes, como feedback automatizado, ampliação do acesso à informação e personalização de atividades. Holmes e Tuomi (2022) reconhecem que tais potencialidades podem contribuir para práticas mais flexíveis, desde que estejam subordinadas a finalidades educativas claras. No entanto, quando incorporada sem mediação crítica, a IA tende a reforçar lógicas tecnocráticas, baseadas na padronização, na mensuração constante e no controle dos processos educativos.

Freire (1996) já advertia que a educação não pode reduzir-se à adaptação técnica do sujeito ao mundo, mas deve promover a leitura crítica da realidade e a formação da consciência. Nesse sentido, a IA só adquire sentido pedagógico quando integrada a projetos educativos comprometidos com o diálogo, a problematização e a autonomia intelectual dos estudantes. A tecnologia, portanto, não substitui a ação pedagógica, mas demanda intencionalidade educativa para que não se converta em instrumento de reprodução de desigualdades.

Assim, compreender a Inteligência Artificial como mediação pedagógica implica reconhecê-la como fenômeno social, cultural e político, e não apenas técnico. Cabe à escola interrogar os sentidos atribuídos a essas tecnologias, tensionando seus usos e limites, de modo a preservar o caráter formativo da educação e a centralidade das relações humanas no processo de ensinar e aprender.

1.2 LINGUAGEM, TECNODISCURSIVIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA ESCOLA

A incorporação da Inteligência Artificial na escola impacta de maneira direta as práticas de linguagem, especialmente no que se refere à leitura, à escrita e à produção de sentidos. Ferramentas capazes de gerar textos, resumir conteúdos e sugerir reformulações discursivas introduzem novas dinâmicas de produção textual, nas quais a autoria deixa de ser exclusivamente humana e passa a ser compartilhada com sistemas algorítmicos. Esse cenário desafia concepções tradicionais de autoria, criatividade e originalidade ainda predominantes no espaço escolar.

Paveau (2021) propõe o conceito de tecnodiscursividade para compreender essas práticas discursivas híbridas, nas quais sujeitos humanos e dispositivos técnicos participam conjuntamente da produção de sentidos. Na sala de aula, essa tecnodiscursividade evidencia que os textos não são mais produzidos de forma linear e individual, mas em ecologias digitais complexas, mediadas por algoritmos, plataformas e sistemas de recomendação. Tal condição exige que o ensino de linguagem ultrapasse abordagens normativas e incorpore a análise crítica dessas mediações tecnológicas.

Os estudos sobre multiletramentos reforçam essa perspectiva. Rojo (2019) argumenta que as práticas contemporâneas de leitura e escrita são multimodais, colaborativas e situadas socialmente. Lankshear e Knobel (2011) acrescentam que os novos letramentos envolvem não apenas novas tecnologias, mas novas mentalidades, formas de participação e relações com o conhecimento. Nesse contexto, a Inteligência Artificial intensifica essas transformações ao automatizar processos linguísticos e ao interferir na circulação e na organização dos discursos.

Do ponto de vista pedagógico, a IA pode ser explorada como objeto de reflexão metalinguística. Ao analisar textos gerados por algoritmos, os estudantes podem discutir escolhas lexicais, estruturas argumentativas, coerência discursiva e efeitos de sentido, desenvolvendo uma postura crítica diante da linguagem automatizada. Essa abordagem desloca o uso da IA do campo da substituição da escrita para o da problematização crítica dos processos discursivos, fortalecendo a educação linguística.

Assim, trabalhar a linguagem em contextos mediados por IA implica reconhecer a produção de sentidos como processo social, tecnológico e ético. Cabe à escola formar leitores e produtores de textos capazes de compreender as implicações da tecnodiscursividade, assumindo responsabilidades autorais mesmo em contextos de coautoria algorítmica.

1.3 FORMAÇÃO DOCENTE E MEDIAÇÃO CRÍTICA DO USO DA IA

A centralidade do professor torna-se ainda mais evidente em contextos educacionais mediados por Inteligência Artificial. Conforme Tardif (2002), os saberes docentes são construídos de forma plural e situada, articulando formação inicial, experiência profissional e condições institucionais. Quando a formação docente não contempla as transformações tecnológicas contemporâneas, o professor tende a lidar com a IA de forma insegura, defensiva ou meramente instrumental.

Nóvoa (2017) defende que a formação de professores deve estar ancorada na profissão e nos problemas reais da prática educativa. No caso da IA, isso implica discutir não apenas o funcionamento técnico das ferramentas, mas seus impactos sobre linguagem, autoria, avaliação e ética. Uma formação centrada apenas no uso operacional da tecnologia tende a fragilizar a mediação pedagógica e a reduzir o papel docente à supervisão de processos automatizados.

Moran (2015) reforça que a inovação pedagógica não reside na tecnologia em si, mas na intencionalidade educativa que orienta seu uso. A mediação crítica do professor envolve problematizar respostas automatizadas, discutir vieses algorítmicos e estimular o pensamento reflexivo dos estudantes. Essa mediação é essencial para evitar que a IA se torne um atalho para respostas prontas, esvaziando o processo de aprendizagem.

Além disso, a mediação crítica exige formação continuada e espaços institucionais de reflexão coletiva. Sem apoio pedagógico e políticas de formação consistentes, a IA tende a reforçar práticas tecnicistas e a ampliar desigualdades educacionais. Assim, a formação docente emerge como eixo estruturante para a integração ética e pedagógica da Inteligência Artificial na escola.

1.4 TENSÕES ÉTICAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA IA NA EDUCAÇÃO

A presença da Inteligência Artificial na escola levanta questões éticas centrais relacionadas à privacidade, ao uso de dados educacionais, aos vieses algorítmicos e à equidade no acesso às tecnologias. Floridi (2018) argumenta que a ética da informação deve orientar o desenvolvimento e o uso de tecnologias digitais, especialmente em contextos educativos, nos quais estão em jogo direitos fundamentais dos sujeitos.

As diretrizes internacionais da UNESCO (2021; 2023) reforçam que a IA na educação deve ser orientada por princípios como transparência, justiça, proteção de dados e centralidade do humano. No entanto, a efetivação desses princípios depende de decisões pedagógicas conscientes, políticas públicas

consistentes e formação docente crítica. A ausência desses elementos pode transformar a IA em instrumento de vigilância, controle e padronização dos processos educativos.

Um dos principais desafios refere-se ao risco de reforço de desigualdades. Sistemas algorítmicos operam a partir de dados históricos que podem reproduzir discriminações e exclusões já existentes. Selwyn (2019) alerta que, sem regulação e mediação crítica, a IA tende a beneficiar grupos que já dispõem de melhores condições de acesso e capital cultural, aprofundando assimetrias educacionais.

Apesar desses desafios, a IA pode contribuir para práticas pedagógicas mais reflexivas quando integrada de forma ética e mediada. Seu potencial educativo reside na possibilidade de problematizar a própria lógica algorítmica, formando estudantes capazes de compreender, questionar e intervir criticamente nas tecnologias que atravessam suas vidas. Nesse sentido, a escola assume papel central na construção de uma relação consciente e ética com a Inteligência Artificial.

Quadro 1 – Inteligência Artificial na educação: Dimensões analíticas e implicações pedagógicas.

Quadro 1 – Inteligência Artificial na educação: dimensões analíticas e implicações pedagógicas

Dimensão	Enfoque analítico	Implicações pedagógicas
IA como mediação	Tecnologia como mediação sociotécnica	Reorganização das práticas de ensino e aprendizagem
Linguagem	Tecnodiscursividade e coautoria	Revisão das concepções de autoria e escrita escolar
Práticas pedagógicas	Uso pedagógico intencional da IA	Valorização da mediação docente e da reflexão crítica
Formação docente	Formação inicial e continuada	Desenvolvimento de competências críticas e éticas
Avaliação	Processos versus produtos	Necessidade de avaliação formativa e processual
Ética	Dados, vieses e equidade	Centralidade do humano e da justiça social

Fonte: elaborado pelos autores, 2026

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste capítulo permitiu compreender a Inteligência Artificial como fenômeno sociotécnico que ultrapassa sua dimensão instrumental, reposicionando-a como mediação pedagógica que reconfigura práticas de linguagem, processos de ensino-aprendizagem e modos de produção do conhecimento na escola contemporânea. Ao articular IA, linguagem e formação docente, evidenciou-se que o impacto dessas tecnologias não reside apenas em suas funcionalidades,

mas nos sentidos pedagógicos, éticos e políticos que orientam sua incorporação nos contextos educativos.

Ao longo da análise, destacou-se que a Inteligência Artificial tende a ser incorporada à educação sob discursos de inovação, eficiência e personalização, frequentemente desvinculados de uma reflexão crítica sobre suas implicações formativas. Conforme discutido, a adoção acrítica da IA pode reforçar lógicas tecnicistas, de mensuração e controle, deslocando a centralidade do processo educativo da formação humana para indicadores de desempenho. Nesse sentido, reafirma-se que nenhuma tecnologia, por mais sofisticada que seja, substitui a mediação pedagógica, o diálogo e a intencionalidade educativa que caracterizam o trabalho docente.

As práticas de linguagem mostraram-se um campo particularmente sensível às transformações introduzidas pela IA. A produção textual mediada por algoritmos tensiona concepções tradicionais de autoria, originalidade e criatividade, exigindo da escola uma revisão de seus referenciais pedagógicos e avaliativos. A noção de tecnodiscursividade contribui para compreender a escrita contemporânea como prática híbrida, colaborativa e situada, reforçando a necessidade de uma educação linguística que forme sujeitos capazes de analisar criticamente discursos automatizados e assumir responsabilidades autorais em contextos de coautoria algorítmica.

A formação docente emergiu, nesse cenário, como eixo estruturante para a integração crítica da Inteligência Artificial na educação. Evidenciou-se que a fragilidade da formação inicial e continuada no trato com tecnologias digitais e algorítmicas tende a produzir insegurança, resistência ou uso meramente instrumental da IA. Ao contrário, uma formação ancorada na prática, na reflexão coletiva e na problematização ética possibilita que o professor atue como mediador crítico, orientando o uso pedagógico da IA e preservando a centralidade da relação pedagógica.

Do ponto de vista ético, ressaltou-se que a presença da IA na escola impõe desafios relacionados à privacidade, ao uso de dados, aos vieses algorítmicos e à equidade educacional. Tais questões reforçam a responsabilidade da escola como espaço de formação cidadã, comprometido com princípios democráticos e com a justiça social. A integração da IA à educação, portanto, não pode ser pensada de forma isolada, mas articulada a políticas públicas, diretrizes institucionais e projetos pedagógicos que coloquem o humano no centro das decisões tecnológicas.

Conclui-se que a Inteligência Artificial pode contribuir para a educação contemporânea quando integrada de forma ética, crítica e pedagogicamente mediada. Mais do que incorporar ferramentas digitais, o desafio da escola consiste em formar sujeitos capazes de compreender, questionar e ressignificar as mediações algorítmicas que atravessam a linguagem, o conhecimento e a vida social. Nesse sentido, a educação reafirma-se como prática ética, política e emancipadora, mesmo — e sobretudo — em contextos marcados pela automação e pela inteligência artificial.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FLORIDI, Luciano. *The ethics of information*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- HOLMES, Wayne; TUOMI, Ilkka. *Artificial intelligence and education: critical perspectives and practices*. Cham: Springer, 2022.
- LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *New literacies: everyday practices and social learning*. 3. ed. Maidenhead: Open University Press, 2011.
- MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2015.
- NÓVOA, António. *Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente*. Porto: Porto Editora, 2017.
- PAVEAU, Marie-Anne. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Hermann, 2021.
- ROJO, Roxane. *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2019.
- SELWYN, Neil. *Education and technology: key issues and debates*. London: Bloomsbury, 2016.
- SELWYN, Neil. *Should robots replace teachers? AI and the future of education*. Cambridge: Polity Press, 2019.
- UNESCO. *Recommendation on the Ethics of Artificial Intelligence*. Paris: UNESCO, 2021.
- UNESCO. *Guidance for generative AI in education and research*. Paris: UNESCO, 2023.